

ALBERTO DE OLIVEIRA —

PRUDENTE DE MORAES NETO

"Grandes céus estes para os grandes pensamentos"

Alberto de Oliveira

Dentre os senhores da Academia é certamente Alberto de Oliveira o de atitude mais discreta e simpática diante do modernismo. Numa entrevista que concedeu a *América* Facó em 1923 e num discurso feito o ano passado em Petrópolis o poeta da "Alma em Flor" já tinha explicado o seu ponto de vista. Ele aceita e aplaude o movimento modernista. Sabe que tínhamos chegado em literatura a uma passadeira próxima da morte, contra a qual era forçoso reagir. O modernismo representa portanto um princípio vital que não é lícito condenar. Entretanto o aplauso de Alberto de Oliveira ele o reserva ao movimento no seu aspecto de esforço renovador, mais do que ao que se apresenta como o resultado desse esforço. Pessoalmente continua a ser o que sempre foi: as realizações da arte moderna, pelo menos as mais extremistas e ousadas lhe dão mesmo uma impressão de extravagância passageira que não pode satisfazer. Ele espera que de tudo isso venha uma novidade menos brusca e mais imediatamente aceitável.

O lugar de Alberto de Oliveira, na nossa literatura, ainda uma vez carece de revisão. Passado o domínio do turrivirato parnasiano, ele que tinha sido tão admirado com sua escola foi violentamente negado e combatido com ela.

Até que ultimamente quisermos transformá-lo num simples espantalho para principiantes por lhe atribuírem erradamente a esterilidade de certos poetas, de que ele foi apenas causa indireta. Penso que um exame sereno há de restituir-lhe o lugar que lhe cabe indiscutivelmente de poeta dos maiores de nossa terra. A crítica só tem visto o parnasiano dominado pela preocupação formal de complicar o verso e o poeta panteísta cantor deslumbrado da nossa natureza. Mas não me lembro que tenha sido assinalada a ingenuidade que, aparenta ele aos nossos românticos e que me parece há de vir a ser o caráter mais importante da sua poesia.

Alberto de Oliveira começa lembrando alguns amigos paulistas; fala do último passeio a S. Paulo, da comemoração do aniversário de Raimundo Corrêa na Academia e finalmente do parnasianismo.

— O parnasianismo foi um

movimento. Isto é, foi devido à ação coletiva de um grupo, ou resultou de atitudes individuais independentes?

Nós não tivemos propriamente parnasianismo. Não houve aqui aquela sua voz sonora. Hugo aparece.

— Francisca Julia talvez.

— Sim, lembra bem, talvez Francisca Julia.

— E certos sonetos de Raimundo Corrêa, de Bilac e do senhor mesmo, o seu Vaso Chinês, por exemplo.

— Mas são exceções sem grande importância. O chamado parnasianismo saiu das largas algebras das calças inglesas de Artur de Oliveira.

Conheci Artur de Oliveira logo que cheguei ao Rio, em agosto de 1877. Nós nos reuníamos num Café que havia ali na rua do Ouvidor, Fontoura Xavier, Teófilo Dias, Francisco Antonio de Carvalho Junior, Artur de Oliveira, eu às vezes e ainda outros.

O Artur lia Gautier, Banville, Sully-Prudhomme, Baudelaire e empolgava-nos com o seu entusiasmo. Passara muito tempo na Europa e tivera relações pessoais com todos esses poetas. Certa vez, em Paris, bateu à porta de Victor Hugo. Havia reunião e estavam lá entre outros Gerard Nerval e Gustave Doré. O porteiro impediu-lhe a entrada perguntando quem era e o que queria. "Sou um filho da livre América!" respondeu o Artur com aquela sua voz sonora. Hugo apareceu então a uma janela para saber o motivo da discussão e o Artur saudou-o recitando um poema das "Contemplações". Victor Hugo mandou que o deixassem entrar e apresentou-o aos amigos. No meio da conversa Artur percebeu que um deles o estava caricaturando. Levantou-se, arremessou o papel das mãos do desenhista e disse: "Não, não consinto que o senhor continue". Um dos presentes observou que seria até um honra para ele o deixar-se caricaturar, pois não sabia que o artista era Gustave Doré? "— Mesmo assim não consinto: a caricatura é a substituição da cara".

O Artur era assim, impetuoso e amigo das frases surpreendentes. Teófilo Gautier, chamava-lhe "père de la foudre". As suas íntimas palavras antes de morrer foram estas: "As palmeiras e o sol".

— Os senhores não combatem a geração anterior?

— Combatemos. Entre 1880 e 1881 fizemos no "Diário do Rio de Janeiro" a guerra do parnasiano. Ai, acompanhando a reação,

publiquei 10 ou 12 trabalhos assinados Lirio Branco e Atta Troll e aí escreveram também Artur de Oliveira, Artur Azevedo, F. Xavier e Teófilo Dias. Bem antes disso, em 1865 e 1866 tinha-se manifestado em Portugal, a "escola coimbrã" com Teófilo Braga e Quental e Vieira de Castro que tiveram alguma influência sobre nós. Eu tenho no meu primeiro livro uma poesia inspirada pela "Bacante" de Teófilo Braga.

— Me lembro que Teófilo Dias no prefácio assinala a semelhança, compara as duas e creio que prefere a do senhor.

— Também tivemos uma certa influência naturalista. Na guerra do parnasiano, com o pseudônimo de Hop-Frog escrevi aquele Tomás Alves Filho, de Campinas, que foi o verdadeiro introdutor do naturalismo no Brasil.

— O que pretendia e o que combatia a guerra do parnasiano?

— Foi uma reação inevitável. Os nossos românticos eram modelos de inexgotáveis lacrimais. Mal cuidaram da forma e do verso. A reação foi também contra o relaxamento de linguagem que enfiava a poesia da época cheia de cacofonias, redundâncias, galicismos e solecismos, contra as imperfeições do verso, de que há exemplos mesmo em Gonçalves Dias, o mais correto de todos.

— E só tinham essa preocupação de forma?

— Não. Como lhe disse, combatemos principalmente o tom lacrimoso, o pieguismo sentimental. Que aconteceu? Alguns dos "sol-distant" parnasianos reagindo contra esse sentimentalismo pessoal excessivo voltaram-se naturalmente para o mundo exterior. Daí o predomínio da poesia na natureza...

... de que o senhor foi justamente o maior representante. Não haveria nisso, no seu caso, ao menos uma sugestão de Shelley?

— Por essa época eu ainda não conhecia Shelley. Só mais tarde o li quando algum escrevia sobre um livro meu, disse: "O senhor Alberto de Oliveira que percorre Shelley com não diurna e noturna..." Foi essa frase que me deu curiosidade de ler o grande poeta.

Como eu li, dizendo, com a natureza voltou a alegria aos poetas, e a poesia inclinou-se para coisas mais saudáveis. Carvalho Junior publicou um soneto por essa época, e que abre à sua "Parisina", começando por este verso: "Ódolo as virgens páliadas, cloróticas..." e acabava com outro dizendo querer: "...a

saude, a beleza, a vida enfim!" Neste soneto, no "Plena Nudez", de Raimundo, em todas as poesias do tempo dominavam essas idéias de beleza, de apuro e respeito ao verso e à língua, idéias que se encontram em todos os grandes poetas de Horácio a Boileau. Aqui mesmo essa reação já tinha começado com as "Miniaturas" de Gonçalves Crespo que são de 71 e foram publicadas em Portugal onde o autor residia e os "Sonetos e rimas" de Luiz Guimarães Junior, que são de 1880. E' verdade que havia exceções ao nosso movimento contra assuntos pessoais. Basta citar as "Lágrimas" de Mario de Alencar...

Mas resumindo isto tudo que eu lhe disse repito o que tenho afirmado sempre e que, se não me engano, foi dito também pelo Bilac: o parnasianismo aqui nunca pregou a impossibilidade; combateu a pieguice, não o lirismo. Mesmo por que ninguém pode escrever sem coração...

— Pode nos dizer alguma coisa sobre o começo de sua vida literária?

— Publiquei meus primeiros ensaios no "Correio de Niterói" e na "Folha". Um dia mandei uns versos à "Gazeta de Notícias" do Ferreira de Araujo. Foram publicados e desde então rara era a semana em que não entrava com uma ou duas poesias.

Colaboravam na "Gazeta" alguns dos nossos principais escritores, entre outros Machado de Assis e J. do Patrocínio. Certa vez o Artur Barreiros que eu conhecia da redação da "Folha" e que era autor de uns contos bem interessantes aparecidos na "Estação" de Lombaert & Cia, me disse que o Ferreira de Araujo desejava falar-me. Pensei que ele ia declarar-me que não queria mais versos; mas, ao contrário, elogiou-os e perguntou-me se eu não tinha mais poesias. Respondi que podia dar-lhe para a "Gazeta" até uma por dia e ele me propôs então a edição de um livro meu, aproveitando a composição dos versos que fossem sendo publicados. Naquele tempo os editores eram poucos e ser autor de um livro era um dos meus sonhos. Imagine o meu contentamento.

— Foram as "Canções Românticas"?

— Sim, foram as "Canções Românticas". O título deu-me Fontoura Xavier. Consultei-o e ele lembrou-me este, que aceitei. De meus versos a ler ao Fontoura que descobriu dois ou três quebrados e me falou em tratado de versificação. "Trata-

do de versificação, que é isso?" — "Se você não conhece metrificacao, como faz esses versos?" — "Faço-os de ouvido".

— Quais foram as influências que o senhor recebeu no começo?

— Diversas, Gonçalves Crespo, Teófilo Braga, Junqueira, Baudelaire, Hugo, Heine, Copée, Banville, Sully Prudhomme... Li, também algumas daquelas epopeias esquecidas portuguesas... "Ulyssésia", "Malaca conquistada", "Viriato Trágico".

— Data daí o seu gosto pelos estudos de português?

— Não. Esses estudos veem de 1900 para cá e foi João Ribeiro quem me despertou a curiosidade por tais assuntos, quem me educou no gosto dos clássicos. Naquele tempo eu não sabia colocar os pronomes...

— Quais são os seus escritores preferidos?

— Dos nossos poetas, Gonçalves Dias, Castro Alves, Fagundes Varela, principalmente o primeiro por sua correção de linguagem. Em Varela admiro o cunho de nossa natureza que tão bem se reflete em suas páginas. Em C. Alves, a imaginação, os surtos geniais, o vigor.

Dos nossos prosadores merecem predileção Machado de Assis, que é também excelente poeta.

Dos de fora, Calderon, Camoamor, Zorrilla, na Espanha; Petrarca e Dante na Itália; Shakespeare, Byron, Shelley, Keats e Robert Burns na Inglaterra; Heine e principalmente Goethe, na Alemanha.

— Que acha dos nossos modernistas?

— Gosto muito de alguns. O maior deles é Guilherme de Almeida. Considero "A Minha Sabonete" a mais bela poesia publicada nestes últimos vinte anos. E como bem feito e expressivo aquele "Pião"! Não gosto tanto do "Meu", poesias a que falta a atração do sentimento, poesia visual, que me dá a sensação do reflexo de vidros de cores em chão de igreja.

Outro de muito talento é Ribeiro Couto. Outros, Cassiano Ricardo e Menotti. Leio-os e admiro-os. O Manuel Bandeira é um tanto desigual. Tem, entretanto, trabalhos felizes e bem inspirados.

— E Mario de Andrade?

— E' ótimo prosador, mas confesso que não gosto muito da poesia dele.

— Que pensa de Graça Aranha?

— Esse é tão bom que nem parece modernista. Tenho para mim que ele não realiza o que prega.

(Continua na página seguinte)

UMA FAMÍLIA DE POETAS

(Continuação da página anterior)

Mais uns golpes como este, mais um lapso, mais um arranco e os louros da vitória alcançado terá teu destro braço! Conquistado terá's exalta glória!

Ouve de clarins alvoroços
O toque animador que no ar se espalha?

O cântico triunfal dos companheiros
Que te exortam do Céu à árdua batalha?

O hino de louvor ao destemido
Mais resistente que ferro e tronco.

Que os vinga, acometendo esse atrevido
Século desumano, feio e bronco.

Avante! Avante, exemplo e honra de
tuma raça,

Que a ferrugem dos tempos não consome!

Avante! Se na vida tudo passa,
Na história no menos ficará teu nome.

Nessa "Arrancada de heróis", Luiz Mariano interpretou fielmente o belo e justo orgulho de sua família — dessa privilegiada família tão belamente organizada, no físico e no espiritual (1).

CONCLUSÃO

Quase sem me advertir, e apenas seguindo de longe a biografia dos irmãos Oliveiras, verifiquei que compus uma verdadeira antologia de belos sonetos e de belos poemas.

Muitos deles são trabalhos que podem ombrear com os do nosso querido confrade morto, com os do poeta lapidário de "Rauco", da "Janela de Julietta" e de "A Casa da Rua Abílio".

Evocando diante da Academia Brasileira as figuras de todos esses poetas, irmãos de Alberto de Oliveira, lendo de cada um deles algumas estrofes enternecidas ou magistrais, creio que

prestei ao artista dos "Sonetos e Poemas" a homenagem que ele mais estimaria. E para todos nós essa evocação e essa leitura não terá deixado de ser muito útil, pois nos aurita talvez a ter uma nova compreensão, mais humana e mais comovida, de Alberto de Oliveira.

Na frente do quadro que aqui acabei de traçar, recordando esses numerosos poetas, vemos como que em nova luz a figura do nosso grande confrade. Ela ressaltava, sem dúvida, mais nitidamente, aureolada de uma luz mais pura.

Percebemos agora que Alberto de Oliveira não caminha sozinho, na estrada de sua formosa e altíssima glória. Coroados também de um louro imarcescível, alguns dos seus irmãos o seguem fielmente, na ascensão maravilhosa.

(1) Acompanhando a "Arrancada de heróis" e o soneto "Extasia",

Luiz Mariano escreveu a Bernardo uma carta, que me parece deve transcrever. E' a seguinte:

"Em 21 de abril de 1941.

Bernardo,

Saude,

Junto quatro sonetos e a "Arrancada de heróis", que, a meu ver, é a melhor das produções presentes, adequada mesmo ao fim que se tem em vista. Ai, há alusão aos irmãos todos, às idades, à união que existe e sempre existiu na immanidade e ferocidade do inimigo (o século) ao abastamento do irmão mais velho, já ferido e prestes a vencer a luta aos cinco mortos, ao Alberto, que tombou cantando (na véspera de sua morte ele recitou um dos seus sonetos), atingido por golpe de surpresa (ataque de urêmia) há de tudo, inclusive os acentos tónicos na última palavra de cada verso em cada estrofe, bem como a isenção de versos agudos. Os próprios adjetivos não se repetem. Esses versos nossos

serão depois publicados, sendo agora lidos numa douta Academia. Por tais motivos eu desejo que seja lida, na conferência do nosso amigo Múcio, a "Arrancada de heróis", onde aparecem os dez velhinhos de valente falange. Não tive tempo para escolher sonetos, pois meus versos acham-se esparsos, na maior confusão, nas sete formidáveis gavetas da minha secretária, aguardando grandes concertos, verdadeiras reconstruções. Os quatro que aqui vão, seguem como reforço à "Arrancada de heróis", no caso de um insucesso, isto é, caso ela seja rejeitada. Em caso contrário, o Múcio poderá publicar algum deles no seu jornal, querendo.

Avisa-me a data exata da publicação, pois, embora ainda afilado dos timpânicos auditivos, desejo estar presente.

Abraça-te o irmão muito amigo.

Luiz. Escrevi numa pressa de justiça, mas, mesmo assim, penso que me compreendes bem. — Luiz"